

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE ARTES  
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS  
BACHARELADO EM ARTES VISUAIS

DANIELA TÁVORA

BLASFÊMIA - processo de criação de vídeos experimentais a partir da estética do horror

Porto Alegre – RS  
2016

DANIELA

**BLASFÊMIA - processo de criação de vídeos experimentais a partir da estética do horror**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel do curso de Artes Visuais no Instituto de Artes, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador(a): Profa. Dra. Elaine Athayde Alves Tedesco

Porto Alegre – RS

2016

## **RESUMO**

Este texto expõe o processo de trabalho para a produção de uma série de vídeos experimentais com roteiro aberto, construídos a partir da estética de cinema de horror e terror. Conta também com conceitos da feiura como linguagem artística e a na liberdade na criação de vídeos, utilizadas, por exemplo, nos filmes de terror de George Romero ou nas obras de Carolee Schneemann, que são referências para esta série. Por último é colocada a importância das influências do meio cinematográfico, tecnológico e a prática a partir do aproveitamento de recursos alternativos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ficção, Vídeo, Colaboração, Encenação, Acaso

## LISTA DE IMAGENS

FIGURA 1: O abridor de selos.....	16
FIGURA 2: Rebanho morto.....	16
FIGURA 3: Córrego negro.....	17
FIGURA 4: A aranha e o espelho.....	17
FIGURA 5: Ovos caídos do ninho abandonado.....	17
FIGURA 6: O Estrangulador.....	17
FIGURA 7: A chave falsa.....	18
FIGURA 8: A Montanha.....	18
FIGURA 9: A morte.....	18
FIGURA 10: A pessoa.....	18
FIGURA 11: A Serpente.....	19
FIGURA 12: O Plantio.....	19
FIGURA 13: Cena do vídeo Raquel, Rafael e Petter.....	20
FIGURA 14: Cena do vídeo Raquel, Rafael e Petter.....	20
FIGURA 15: Cena do vídeo Raquel, Rafael e Petter.....	21
FIGURA 16: Cena do vídeo Raquel, Rafael e Petter.....	21
FIGURA 17: Cena do vídeo Raquel, Rafael e Petter.....	22
FIGURA 18: Cena do vídeo Raquel, Rafael e Petter.....	22
FIGURA 19: Cena do vídeo Blasfêmia – Substantivo Feminino.....	24
FIGURA 20: Cena do vídeo Blasfêmia – Substantivo Feminino.....	25
FIGURA 21: Cena do vídeo Blasfêmia – Substantivo Feminino.....	26
FIGURA 22: Cena do vídeo Blasfêmia – Substantivo Feminino.....	27
FIGURA 23: Cena do vídeo Blasfêmia – Substantivo Feminino.....	28
FIGURA 24: Cena do vídeo Blasfêmia – Substantivo Feminino.....	29
FIGURA 25: Cena do vídeo Blasfêmia – Substantivo Feminino.....	29
FIGURA 26: Cena do vídeo Quem vai ser o rato do século XXI.....	30
FIGURA 27: Cena do vídeo Quem vai ser o rato do século XXI.....	31
FIGURA 28: Cena do vídeo Quem vai ser o rato do século XXI.....	32
FIGURA 29: Cena do vídeo Quem vai ser o rato do século XXI.....	33
FIGURA 30: Cena do vídeo Uma libra por seio de mulher arrancado como prova de captura.....	34
FIGURA 31: Cena do vídeo Uma libra por seio de mulher arrancado como prova de captura.....	35
FIGURA 32: Cena do vídeo Poucas coisas são mais lindas que o voo do urubu.....	36
FIGURA 33 e 34: Cena do vídeo Poucas coisas são mais lindas que o voo do urubu.....	37
FIGURA 35: Cena do trailer do filme Tarântula.....	38
FIGURA 36: Cena do trailer do filme Tarântula.....	39
FIGURA 37 e 38: Cena do vídeo <i>Fuses</i> de Carolee Schneemann.....	41
FIGURA 39 e 40: Cena do vídeo <i>Viet Flakes</i> de Carolee Schneemann.....	42
FIGURA 41 e 42: Cena do filme <i>On the edge</i> de Curtis Harrington.....	43

## Sumário

1. Introdução	
Eu, o cinema e os filmes de terror .....	6
2. O vídeo feio ou obcecada pelo terror e o horror.....	10
2.1. Um vídeo de terror: O processo de criação colaborativo.....	12
2.1.2. ARGUMENTO e as cartas desenhadas .....	15
2.2. Gravações: um primeiro relato.....	19
3. Vídeos experimentais sem o grupo.....	23
3.1. Blasfêmia – Substantivo Feminino.....	24
3.2. Quem vai ser o rato do século XXI.....	30
3.3. Uma libra por seio de mulher arrancado como prova de captura.....	33
3.3.1. Composição de trilha autoral.....	35
3.4. Poucas coisas são mais lindas que o voo do urubu.....	35
3.4.1. Experimentos com sonoridade conceitual.....	38
4. Referenciais artísticos	
4.1. Tarântula.....	38
4.2. <i>Fuses e Viet Flakes:</i> O que me aproxima dos vídeos de Carolee Schneemann.....	40
4.3. Encontrei Curtis por acaso ou ele estava me chamando?.....	42
Considerações finais.....	44
Referências bibliográficas.....	47

## 1. Introdução

### Eu, o cinema e os filmes de terror

"no princípio fui criada apenas por mãe  
ela nunca me falou nada sobre deus nem me mostrou qualquer educação religiosa,  
jamais comentou que existia um livro chamado bíblia  
até que com 5 anos comecei a sonhar com serpentes falantes todas as noites  
falavam sem parar  
eu acordava perturbada  
em pouco tempo não conseguia mais dormir

minha mãe com pena me disse que existia um deus que nos protegia, que eu  
deveria rezar para ele  
eu pedi para ele tirar as serpentes da minha cabeça na primeira noite, na segunda,  
terceira,  
e cada vez mais as serpentes ficavam furiosas  
na quarta noite eu xinguei deus  
na quinta noite, aos 5 anos, eu descobri que deus não existe  
e que a serpente apareceu para me salvar de uma vida mórbida em um paraíso"

Trabalho em uma sala de cinema. A coisa que mais faço na vida é assistir filmes, de todos os gêneros, inclusive os que não gosto. Não é uma escolha, mas é uma boa condição. Quando estou de folga vou a algum cinema qualquer para me distrair. Minha infância foi em frente a TV. Só consigo dormir com a TV ligada. As vezes janto zapeando de Sílvio Santos a cultos evangélicos com transmissão ao vivo.

Graças a um *software* pirata que compramos, por um preço 20 vezes mais barato que o do oficial, estamos aptos a passar arquivos digitais em formato atual, o *DCP*,

utilizado pelos grandes cinemas comerciais. A respeitável sala exhibe, de terça a domingo, excelentes lançamentos do cinema independente, principalmente brasileiros e latino-americanos, mas também africanos, asiáticos, europeus e estadunidenses. Eu assisto todos antes das sessões oficiais para testar as cópias.

Recebemos festivais nacionais e internacionais de cinema fantástico, de gênero, LGBTQ, indígena, estudantil, para portadores de deficiência, entre vários outros, em alguns destes são exibidos curtas de um pessoal jovem, de periferia, pertencentes as minorias, que produzem verdadeiras obras-primas, muito bem pensadas, na maioria das vezes sem recurso para produção.

Antes desta tecnologia digital, muito mais barata, que facilita nossa vida e dos produtores, exibíamos filmes em 35 mm. Algumas vezes eu, por pura distração, na hora de ligar e desligar os rolos, estourei películas precisando parar a sessão, cortar o pedaço de filme rasgado e colar novamente. Uns 15 minutos de atraso. Também já roubei muito *frame* de filme que gostava, ou só para dar de presente para alguém. Já passamos película ao contrário para se divertir em sessão cancelada por falta de público. Um projetorista antigo foi demitido por montar os rolos invertidos, sequencia 1,2,3,4 ele montou 1,3,2,4, dando uma versão lisérgica a narrativa clássica do diretor menos ambicioso.

Nas segundas-feiras abro a sala só por amor para os conhecidos cinéfilos da cidade. Passo *Star Wars*, David Cronenberg, filmes *trash* caseiros, e uns *trashs* até muito bem produzidos de amigos, documentário uruguaio de banda *punk* e brasileiro sobre a política externa do presidente Lula, Alejandro Jodorowsky, *Monty Python*, *Emanuelle*, curtas de conclusão de curso de cinema da Unisinos, banca de mestrado dos colegas das Artes Visuais, enfim, programação aberta onde procuro contemplar o desejo e a necessidade da comunidade local. Essas segundas sempre são de festa, tanto para sentir nostalgia quanto para se surpreender com os filmes dos desconhecidos.

Mesmo assistindo tanta coisa quase o tempo todo, meus filmes preferidos sempre foram os mais baratos, diferentes e com roteiro original. Ver *O Bandido da Luz Vermelha* e *Abismo* de Rogério Sganzerla, *Os Idiotas* de Lars Von Trier, *Boi Neon* de Gabriel Mascaro e *Amor, Plástico e Barulho* de Renata Pinheiro, entre outros, foram irreversíveis para mim.

Ao ter contato com filmes da *Boca do Lixo*, *Porno-chanchadas*, cinema de terror "à margem" de Zé do Caixão e Petter Baistorf descobri que poderia fazer o vídeo que eu quisesse, onde eu bem entendesse, com a câmera de qualquer amigo e a participação de todos os malucos que estão só esperando um convite para fazer cenas de terror, morte e nudez.

Mas tudo começou para mim com a feiura nas histórias de Stephen King e George Romero. Fui seduzida imediatamente pela linguagem popular e juvenil de ambos, na qual experiência espiritual e o contato com fenômenos racionalmente inexplicáveis são desencadeadores da reflexão sobre o sentido da vida humana na terra. Temas como família, convivência em sociedade, egoísmo, solidão, desigualdade e amor são explorados a partir de rupturas sinistras com a realidade e caíram como uma luva na minha autônoma infância. Histórias do universo *White trash*, dramas arquetípicos comuns a adultos frustrados, adolescentes feios e sem perspectiva de futuro e crianças largadas aos próprios cuidados, pertencentes a famílias dissolvidas pelo capitalismo é como se fossem histórias feitas em homenagem a mim e meus irmãos. A noite dos mortos-vivos de George Romero, por exemplo, foi o primeiro filme que assisti onde o virtuoso herói é negro e os brancos conservadores levam a pior. Sem final feliz, todos morrem atacados por zumbis.

Segundo Umberto Eco no livro *História da Feiura*,

George Romero (...) em uma declaração de poética, enquanto se detém sobre a tocante ternura de *Frankenstein*, *King Kong*, ou *Godzilla*, recorda que seus zumbis têm a pele rugosa e putrefaciente, dentes e unhas negras, mas são indivíduos com paixões e evidências como as nossas. E Acrescenta: "Nos meus filmes sobre zumbis, os mortos que voltam a vida representam uma espécie de revolução, uma reviravolta radical num mundo em que muitos dos personagens humanos não conseguem entender, preferindo marcar os mortos-vivos como o inimigo, quando na realidade eles são nós. Utilizo o sangue em toda sua horrenda magnificência para que o público entenda que meus filmes são antes

uma crônica sociopolítica dos tempos do que (...) aventuras com molho de terror.(ECO, Humberto, 2007: pg. 422)

É previsível que algumas pessoas que como eu nasceram nos anos 80, sejam profundamente influenciadas por essa linguagem, principalmente quando a única e primeira fonte artística com uma certa qualidade e reflexão com a qual se tem acesso, são filmes de terror de 1960/70, que passavam em canal aberto a noite ou estavam disponíveis em locadoras de *vhs* (e o balconista não ligava para classificação etária), e sua mãe não se importava com o seu horário de ir pra cama.

Para Umberto Eco,

O feio é também um fenômeno cultural. Os membros das classes “altas” sempre consideram desagradáveis ou ridículos os gostos das classes “baixas”. Poderíamos dizer, é certo, que os fatores econômicos sempre pesaram nestas discriminações, no sentido em que a elegância sempre foi associada ao uso de tecidos, cores e pedras caríssimos. (Idem: pg. 394)

Percebo que ainda existe no sentido social, de distinção de classes, por um lado a dificuldade dos artistas periféricos terem acesso aos mecanismos de produção artística, ao mesmo tempo em que, filmes bem produzidos por si só não sustentam o “bom gosto” das elites culturais. Tenho como exemplo dois amigos que trabalham como açougueiros no Supermercado Zaffari de Guaíba, Cesar Coffin, da Canibal Filmes e Jonas Justiniano, da Hanna Baderna. O excesso de carga horária de trabalho não os impede de produzir filmes de horror nas horas vagas. Fazem curtas excelentes com câmeras de celular em um fim de semana. A classe social com a qual se identificam marca profundamente suas escolhas no momento das gravações: os cortes são bruscos, as imagens têm ruídos e tremidos, as narrativas são anarquistas, transgressivas, não lineares, os temas polêmicos, escatológicos, ácidos. Muitos críticos, cineastas e curadores de cinema de Porto Alegre que conheço, detestam seus trabalhos, mas estes realizadores absolutamente não se importam, pois o legado de adoradores que possuem é diferente. Ou seja, não apenas são considerados horríveis, eles exploram a feiura como matéria prima fundamental para suas criações.

Depois de tanta influência, neste tempo todo, lacunas ociosas da minha vida tem sido preenchidas por cenas que meu cérebro vai montando aleatoriamente, as vezes no ônibus, cozinhando ou quando tento ler. Como se eu estivesse sempre presa a

um filme imaginário que roda só para mim. Instantâneo. Involuntário. Eu ando pelas escadas do Instituto de Artes indo embora da aula da noite como se a qualquer momento fossem aparecer mãos escorrendo pelas paredes e me beliscando enquanto corro. Eu caminho do ponto do ônibus até minha casa a noite e imagino narrativas em *off* como em um filme *noir*. Eu convido os amigos para confraternizar no meu aniversário e não penso em outra coisa a não ser em fazer um filme sobre o dia em que uma mulher organiza a própria festa e nenhum convidado comparece. A democracia do meu país cai e eu durmo e acordo obcecada com cenas noturnas nas quais eu e meus amigos fugimos eternamente de uma milícia neonazista que nunca nos alcança, mas nunca para de nos perseguir. Acabo de descobrir, num site de notícias duvidosas, que *hamsters* são enterrados vivos no inverno pois seus donos acham que estão mortos, e já planejei algumas cenas de um filme com estes roedores voltando do túmulo na forma de zumbis para se vingar dos humanos.

## **2. O vídeo feio ou obcecada pelo terror e o horror**

Pensei em fazer uma série de vídeos que conciliassem elementos da feiura com no cinema de terror, horror e fantástico que transgredissem os ideais de narrativa do cinema tradicional.

Segundo João Marciano Neto, para a revista digital de cinema da UFRB - CineCachoeira,

Terror, chamado também de horror, é um recurso dramático muito presente na composição das narrativas em diversas culturas, sendo um elemento eficaz na construção de uma ameaça e na produção do efeito de desconforto que muitas vezes recorre ao sobrenatural e ao fantástico, não sendo, necessariamente, obrigatório, que resulte no medo. Este elemento está presente desde os mitos dos povos antigos e até na literatura moderna, sendo nesta última onde se consolidou como gênero. Seu objetivo é envolver o ouvinte, leitor ou espectador, em uma atmosfera na qual experimente a sensação de confrontar e/ou ser perseguido por uma ameaça mesmo estando em segurança. (NETO, João Marciano, 2013)

Utilizando ainda trechos de Umberto Eco para explicar como ao longo da história da cultura é recorrente encontrar peças que representam a adoração humana por cenas terríveis, ele diz:

Os seres humanos amam espetáculos cruéis, desde os tempos dos anfiteatros romanos, e uma das primeiras descrições de suplício horrível pode ser encontrada em Ovídio, quando conta como Apolo mandou esfolar vivo o sileno de *Mársias*, que venceu em um concurso musical. Schiller definiu muito bem esta 'disposição natural' ao horrendo e não podemos esquecer que em todos os tempos o povo acorreu cheio de excitação para assistir as execuções capitais. Se hoje temos a impressão de sermos 'civilizados', talvez seja apenas porque o cinema coloca à nossa disposição inúmeras cenas *splatter*, que não perturbam a consciência do espectador, pois lhe são apresentadas como fictícias. (ECO, Umberto, Op. Cit.: pg. 220)

Para quem não gosta do gênero e inacreditável, até mesmo inaceitável, inclusive do ponto de vista moral e ético, que o público em geral seja tão sedento por sangue, vísceras e cenas horríveis. Mesmo que grande parte dos realizadores que conheço pouco se importe com apelo comercial, nestes oito anos que trabalho em uma sala de cinema posso afirmar que atingimos o maior público sempre em filmes, mostras e festivais de filmes de terror, sem exceções. Esse fenômeno acontece em função da adoração pelo terrível, mas acredito também que estas produções têm uma abertura muito maior para o experimentalismo e exploração estética de materiais e maquiagens diferentes. Para mim é esta plasticidade um dos principais fatores que atraem muito mais a atenção das pessoas. Como artista, este gênero me atrai não só por influência, mas especialmente pela liberdade de criação.

Pesquisar vídeo, livre das montagens lineares, contempla o tipo de produção com a qual decido trabalhar, articuladas com terror, o feio e o transgressivo, que podem ser consideradas conceitualmente à margem ou flutuantes, deslocados de um plano de denominação mais canônico.

Phillipe Dubois comenta o que é e o lugar do vídeo dentro da generosa quantidade de imagens a que somos submetidos todos os dias, no livro *Cinema, Vídeo, Godard*

(...) o vídeo, esta antiga última tecnologia, que parece menos um meio em si do que um intermediário, ou mesmo um intermediário, tanto em um plano histórico e econômico (o vídeo surgiu entre o cinema, que o procedeu, e a imagem infográfica, que logo o superou e alijou, como se ele nunca tivesse passado de um parêntese frágil, transitório e marginal entre os dois universos de imagens fortes e decisivos) quanto em um plano técnico (o vídeo pertence à imagem eletrônica, embora a sua ainda [hoje em algumas salas periféricas] seja

analógica) ou estético (ele se movimenta entre a ficção e o real, entre o filme e a televisão, entre a arte e a comunicação etc.). Os únicos terrenos onde foi verdadeiramente explorado em si mesmo, em suas formas e modalidades explícitas, foram os dos artistas (a videoarte) e o da intimidade singular(...).( DUBOIS, Phillipe, 2004: pg. 69)

Então o vídeo é este elemento transitório e marginal que permeia o mundo das imagens já consolidadas, sem pertencer a nenhum destes canais e nós como artistas, temos o desprendimento de pesquisá-lo a partir de experimentações, apropriações, colagens e etc.

## **2.1. Um vídeo de terror: O processo de criação colaborativo**

Claro, há uma grande diferença entre ficar preso obsessivamente a um potencial criativo que não sai nem da minha própria mente, que dirá do papel, e fazer efetivamente um vídeo, com equipe, câmeras, *performers* e edição. Optei por ter um argumento aberto, explorando de modo improvisado o potencial criativo dos atores e amadores a partir da reação possível diante de uma previsão horrorosa de cartomante.

Para recrutar colaboradores fiz uma convocatória para amigos e conhecidos para produzir um vídeo colaborativo e horizontal, e todos que se disponibilizaram para contribuir com o trabalho foram aceitos para os papéis. Com exceção de alguns, a grande maioria é de não atores.

Marquei um encontro para colocar tarô para quatro personagens e fizemos um acordo de que eu não opinaria em cenas e falas. Neste estágio eu apenas faria a leitura das cartas, fiel as regras do jogo. Sem roteiro, apenas quis deixar correr espontaneamente as atuações e ideias de todos.

Alguns vieram com histórias já prontas, outros tinham em mente apenas trejeitos e movimentos estranhos e repetitivos para caracterizar os personagens. Havia também os que queriam apenas figurar, dar ideias, filmar, maquiar, tirar fotos, ou

assistir as filmagens. A cena da cartomante ficou rodeada de criaturas que não se sabe se são pessoas esperando sua vez para colocar as cartas ou espíritos fazendo contato com o mundo dos humanos. Ou se é uma performance aberta ao público.

Com relação ao alternativo, o improvisado e o aproveitamento de material no cinema, Andy Warhol fala o seguinte no texto *A reciclagem dos refugos alheios, A filosofia de Andy Warhol de 1975*:

não quero dizer com isso que o gosto popular é ruim e que tudo aquilo que é descartado pelo mau gosto é bom: quero dizer que, provavelmente, os refugos são coisas feias mais que, se pudermos trabalhá-las um pouco e torná-las belas ou pelo menos interessantes haverá muito menos desperdício.(...) Quando não tínhamos dinheiro para realizar longas metragens, (...) tentei simplificar nosso modo de fazer filmes usando cada metro de película já filmada, pois custava menos, além de ser mais fácil e divertido,. E não produzíamos mais restos. Depois, em 1969, começamos a montar nossos filmes, mas mesmo assim continuei a preferir os descartes. As cenas cortadas são todas elas magníficas. Eu as conservo meticulosamente. (2004:pg.418)

Esta maneira de fazer vídeos de Andy Warhol é a recorrente saída de todos que não possuem recursos disponíveis aos seus interesses artísticos, e é o que acaba recortando o olhar criador, forçando o artista a gerar uma alternativa, trazendo outros repertórios e representações estéticas mais casuais aos trabalhos artísticos. Acredito que estas produções improvisadas dos criadores menos abastados, influenciam até hoje as preferências e escolhas dos realizadores.

E foi o que fizemos, mesmo não trabalhando com ilha de edição analógica como Andy, que fazia aproveitamento de materiais físicos, nós utilizamos tudo emprestado: cadeiras servindo de tripé, *Gopro* presa com fita adesiva, figurinos e adereços improvisados e reutilizados, filmadoras, microfones e espaço físico. Até os operadores de câmera, Itapa Rodrigues, Eugênio Baptista e Magnum Borini, e os atores, se disponibilizaram a fazer as filmagens sem cobrar cachê, apenas pelo desejo de contribuir com o trabalho de arte.

O melhor desse aproveitamento, tanto de tempo quanto de material e de pessoal, é que o que temos para editar no momento de finalização é muito rico e diversificado. O fato que aquelas pessoas estavam disponíveis naquele sábado a noite, e foram ao encontro produzir o filme deu um caráter orgânico e único às imagens. Além

disso, algumas são produzidas em 4k, e outras cheias de ruídos. Cada um atuou conforme seu próprio repertório na área. As falas dos não atores são ótimas pois têm grande naturalidade, mas o áudio é mais baixo. Atores profissionais já estão acostumados a ter um comportamento ideal para o aproveitamento das cenas, com voz empostada, gestos largos e rosto muito expressivo. Então imagens e o som ficam bons, mas é preciso grande desconstrução na edição para que o vídeo não fique pasteurizado.

Uma das maiores dificuldades que encontro nesta pesquisa é não me deixar levar no momento da edição pela tendência a narrativa sequencial. Como editar um vídeo de maneira não linear?

Dubois diz: Ora, as imagens em movimento funcionam todas do mesmo modo? A operação de montar planos do cinema é a mesma de editar imagens de vídeo? As questões em jogo são as mesmas em ambos os casos? O espaço *off* videográfico, se ele existe, é do mesmo tipo que o do cinema? (...) O ponto decisivo para nossa discussão, porém, é que a instauração de uma narrativa (ficção com personagens, ações, organização do tempo, desenvolvimento de acontecimentos, crença do espectador, etc.) não representa o modo discursivo dominante do vídeo. Se o modelo de linguagem descrito anteriormente parece ser aquele mesmo do cinema, é exatamente porque ele se ajusta perfeitamente ao gênero narrativo e ficcional, modo de transparência ao qual o cinema, em sua forma dominante, se filia. (...). Em vídeo, os modos principais de representação são, de um lado, o modo plástico (a "videoarte" em suas formas e tendências múltiplas) e de outro o documentário (...) E sobretudo – é o que nos une contra a transparência – ambos com um senso constante do ensaio, da experimentação, da pesquisa, da inovação. (DUBOIS, Op. Cit. 2004: pg.75)

Ou seja, para fazer um vídeo preciso não apenas que minha narrativa seja quebrada, mas também experimentar. Consigo fugir um pouco desta regra justamente em função da querida e caótica participação coletiva. Mas o recurso mais importante ao qual posso recorrer para não seguir pelo caminho clássico que estou tentando evitar é a montagem. Nela, mesmo que o pessoal que atuou tenha recorrido se guiado por alguma história e temporalidade contínua, eu posso deturpar as falas, inserir novos áudios e ruídos sonoros para confundir o que está sendo dito, causar impressões diferentes. Ainda que algumas imagens tenham enquadramentos quase publicitários, posso cortar as partes "bonitas" e ficar só com as "feias", ou as contaminadas por elementos de último plano.

### **2.1.2. ARGUMENTO e as cartas desenhadas**

“Daniela trabalha em um cinema e mora com a mãe em um bairro pobre da região metropolitana de Porto Alegre. Um pouco insegura quanto ao seu trabalho de conclusão de curso, escolhe ilustrar um tarô a partir dos arquétipos de seu próprio inconsciente. Ao terminar as ilustrações ela coloca as cartas para um amigo para ver se o jogo funciona. Um dia depois fica sabendo que o amigo morreu. Desconfiada com o acaso, repete o ritual com algumas pessoas para ver se realmente seu tarô é amaldiçoado.

Todos morrem no dia seguinte, conforme a tragédia de cada carta tirada. A força das cartas começa a ficar cada vez maior e mais assustadora.

Propõe o jogo a colegas de trabalho, vizinhos e parentes. Sabe que ao tentar conectar-se com a parte inconsciente de sua mente acabou ligando-se a algo que não consegue explicar.”

Esta série de vídeos tem como argumento a relação mística dos atores com o baralho de tarô que illustrei a partir de arquétipos resgatados dos meus próprios sonhos, relações com o inconsciente e narrativas pessoais retratadas na perspectiva do horror.

Neste conjunto, cada carta possui um conceito. Há também a carta do indivíduo para quem é colocado o tarô.

De acordo com a posição do sujeito na disposição das cartas e da combinação aleatória das maldições é previsto futuro.

## Cartas:



FIGURA 1:

### **O abridor de selos**

Referencia ao Apocalipse de João.

Representa uma inversão completa na vida.

Se o individuo é alguém rico e que costumou enganar e explorar pessoas, ele certamente ficara pobre e sofrerá como aqueles que explorou.

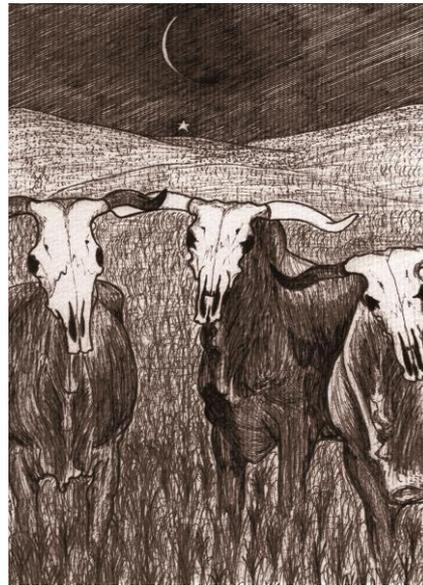


FIGURA 2:

### **Rebanho morto**

Legião de oprimidos e explorados que se organiza planejando vingança.

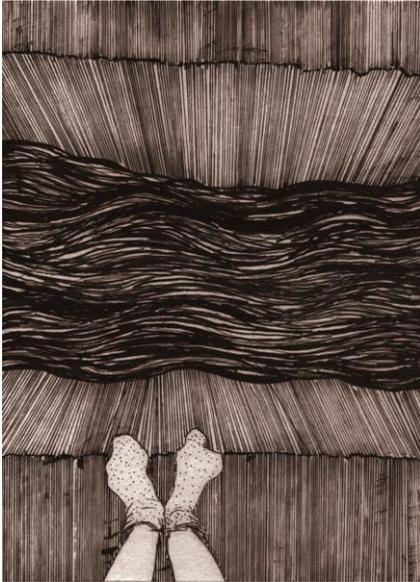


FIGURA 3:  
**Córrego negro**  
Impotência diante do sofrimento extremo daqueles que ama.

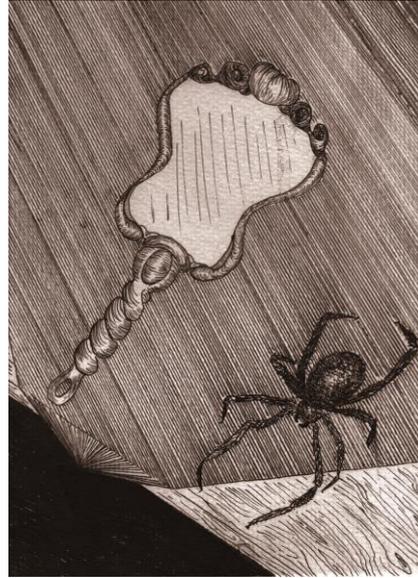


FIGURA 4:  
**A aranha e o espelho**  
Egoísmo, narcisismo, condenação à solidão e isolamento.

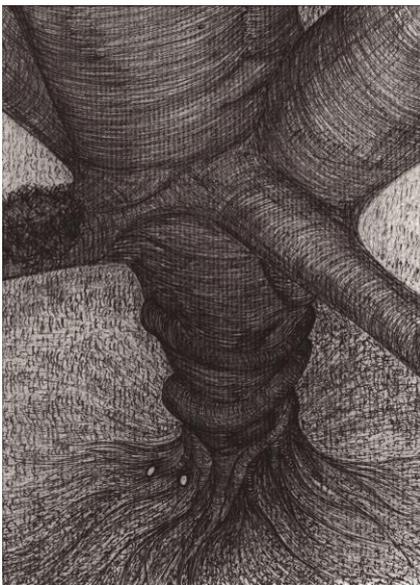


FIGURA 5:  
**Ovos caídos do ninho abandonado**  
Projetos e pessoas abandonadas no passado desencadeando desgraças.

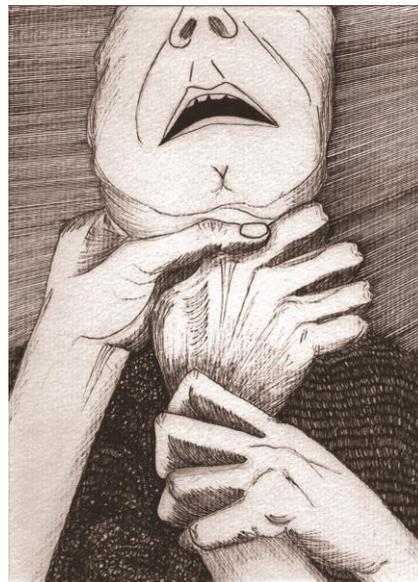


FIGURA 6:  
**O Estrangulador**  
Pessoa reprimida ou opressora.

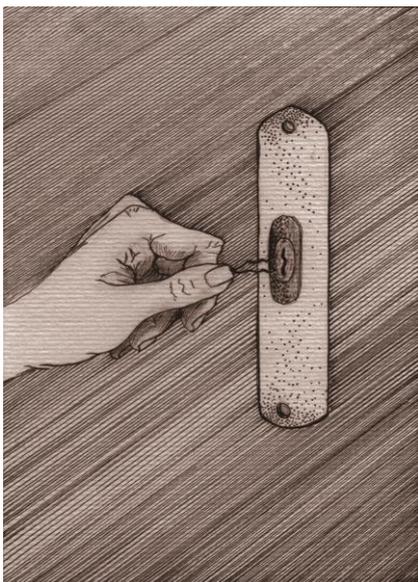


FIGURA 7:  
**A chave falsa**  
Mentira, roubo e fuga.



FIGURA 8:  
**A Montanha**  
Mania de grandeza, presunção e queda.



FIGURA 9:  
**A morte**  
Prisão, cárcere, paralisia.

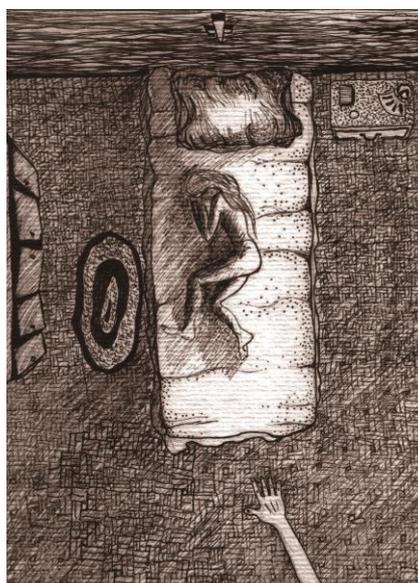


FIGURA 10:  
**A pessoa**  
Indivíduo para quem está sendo feita a  
previsão.

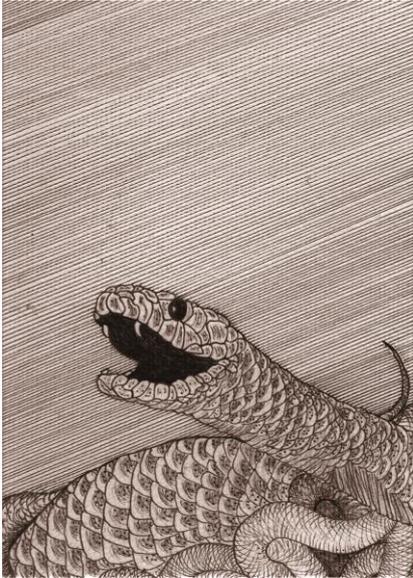


FIGURA 11:

**A Serpente**

Consciência que persegue

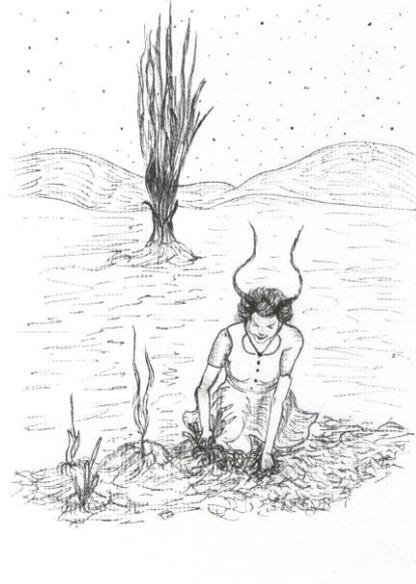


FIGURA 12:

**O Plantio**

Fofocas, intrigas e difamações.

## 2.2. Gravações: um primeiro relato

Apesar de receber muitos conselhos para conduzir as cenas de maneira rígida, prefiro apostar em um processo livre por achar maior a possibilidade produtiva e originalidade das ideias.

O primeiro ator a gravar, Marcelo Castro, interpreta um homem cinéfilo que procura uma cinemateca para encontro de estudos com outros críticos cinematográficos. Ele se perde no meio do caminho e acaba indo parar na sala de uma cartomante. Enquanto ele procura o local marcado, sua voz em *off* conta uma história misteriosa que o acompanha desde a infância.

A segunda personagem, de Raquel Basilone, é uma mulher sem passado. Como atriz dedica-se a performance desesperada de uma garota atormentada que deve muito ao destino e que precisa saber sobre o futuro. Enquanto ela ouve as previsões corta a própria pele com uma adaga que carrega consigo.



FIGURA 13: Cena do vídeo Raquel, Rafael e Petter

O terceiro personagem, Petter Biestorf, faz um senhor resmungão e gritão cujas palavras quase não se consegue entender. Ele possui uma entidade que o acompanha e que possivelmente o incomoda. No momento das previsões, ele surta e vai embora gritando e espalhando as cartas na mesa com um tapa.



FIGURA 14: Cena do vídeo Raquel, Rafael e Petter

Para cada um que vem se consultar comigo eu tenho uma roupa diferente, uma máscara, capuz, acessórios. Com a segunda e o quarto personagem sou acompanhada por um Exu que faz sopros em meus ouvidos e intervenções na cena, interpretado por Carlos Ferreira.



FIGURA 15: Cena do vídeo Raquel, Rafael e Petter



FIGURA 16: Cena do vídeo Raquel, Rafael e Petter

O segundo encontro foi em um bar, no show de um amigo, Magnum Borini, que havia filmado algumas cenas do primeiro encontro. O ator, Rafael Torres, tinha em mente a vontade de interpretar um empresário canalha de banda de *rock* que assedia os músicos. Ele ouve as previsões que leio e finge não dar a menor importância. Em seguida quando sai do bar, uma mulher misteriosa, interpretada por Raquel Basilone, o estrangula na calçada tal como a carta que acusa sua morte.



FIGURA 17: Cena do vídeo Raquel, Rafael e Petter

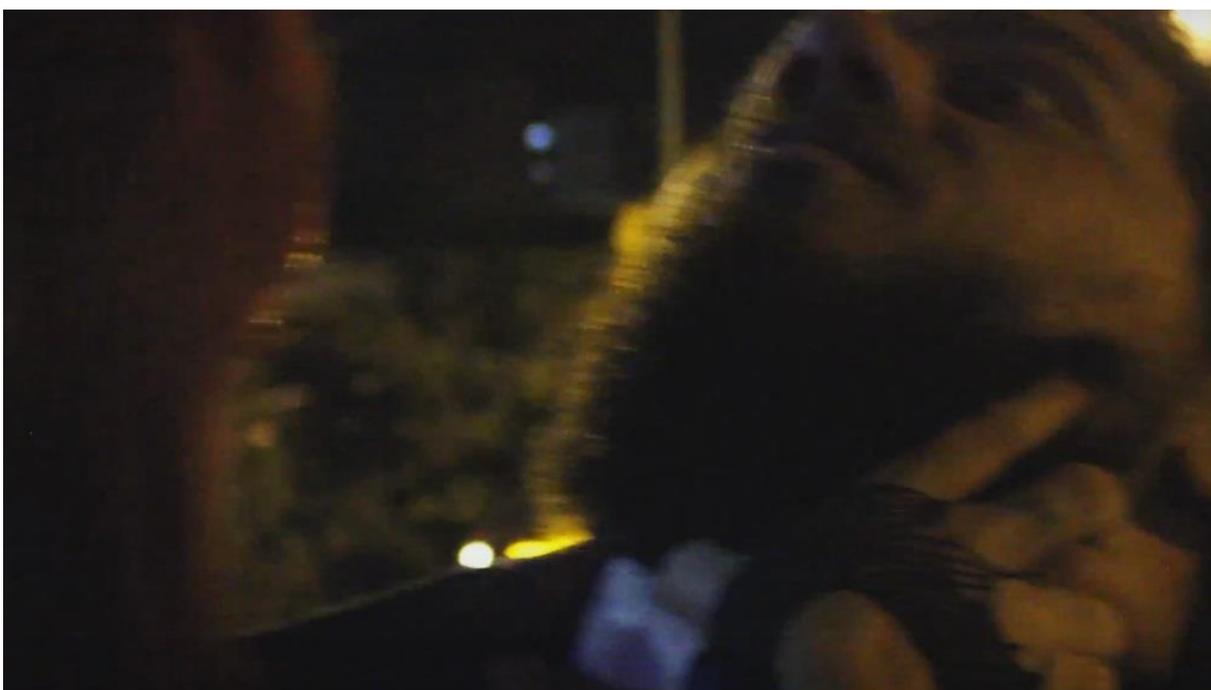


FIGURA 18: Cena do vídeo Raquel, Rafael e Petter

A partir da conciliação entre as performances, criações coletivas e os meus interesses de edição de uma estética de desconstrução das narrativas lineares e cronológicas que se diferenciem do cinema, poderei buscar ainda outras linguagens e plataformas, como encontros virtuais e performances públicas, por exemplo.

### **3. Vídeos experimentais sem o grupo**

De um modo geral, vejo o vídeo e seus desdobramentos com chances de pluralidade, fragmentação e abertura, pois podem ser feitos por até uma pessoa, de modo experimental, retratando narrativas íntimas e individuais, sem se preocupar com tendências de distribuidoras ou grandiosas arrecadações de público e renda. Sobre estas possibilidades Christine Mello no texto *Extremidades do Vídeo: Novas Circunscrições do Vídeo* comenta o seguinte:

Da expansão do monitor e da tela eletrônica aos procedimentos vivenciais, instalativos e em rede, é possível hoje encontrar o vídeo nas mais diferentes formas de produção significativa: faz-se vídeo doméstico, vídeo político, vídeo com pintura, vídeo com a escultura, vídeo com performance, vídeo interativo, *online*, nos ambientes do google e do youtube, no cinema narrativo, nas instalações, na dança, no teatro e na animação digital; faz-se vídeo com as linguagens e plataformas de programação computacionais, em formatos *bitmap* ou vetorial, inter-relacionado com a virtualidade do ciberespaço; faz-se vídeo também com a arquitetura dos espaços híbridos, com as videoinstalações, com as múltiplas telas e as projeções em, *loop*, com o espaço urbano, com os painéis eletrônicos da publicidade, com performances em tele presença da internet, com processos de convergência entre as mídias analógicas e digitais, com as cavernas imersivas de realidade virtual, com as tecnologias nômades da telefonia móvel, com DVD, com *podcast* e com o GPS. Enfim, trata-se do vídeo inserido no ambiente cultural da contemporaneidade em que se faz vídeo tanto de forma precária quanto com alta tecnologia. (MELLO, Christine, 2008:pg.33)

Neste sentido, com o fácil acesso à tecnologia todos que possuem um celular podem fazer seus vídeos em casa. Essa utilização de novos usos da linguagem, que surgem a partir dessa popularização da produção e a contaminação do processo artístico pelas novas mídias, modos de compartilhamento e tecnologias da informação constituíram boa parte deste trabalho. Não precisamos de um estúdio

para captar e podemos baixar gratuitamente um bom *software* para edição, já que vídeos leves não precisam de grandes computadores para renderizá-los.

Mas ninguém sai limpo desta experiência e é a sujeira que acabou despertando meu maior interesse no processo. Estes novos acessos deixam marcas interessantes no resultado final, tais como ruídos, quadros pixelizados, cena desfocada e tremida.

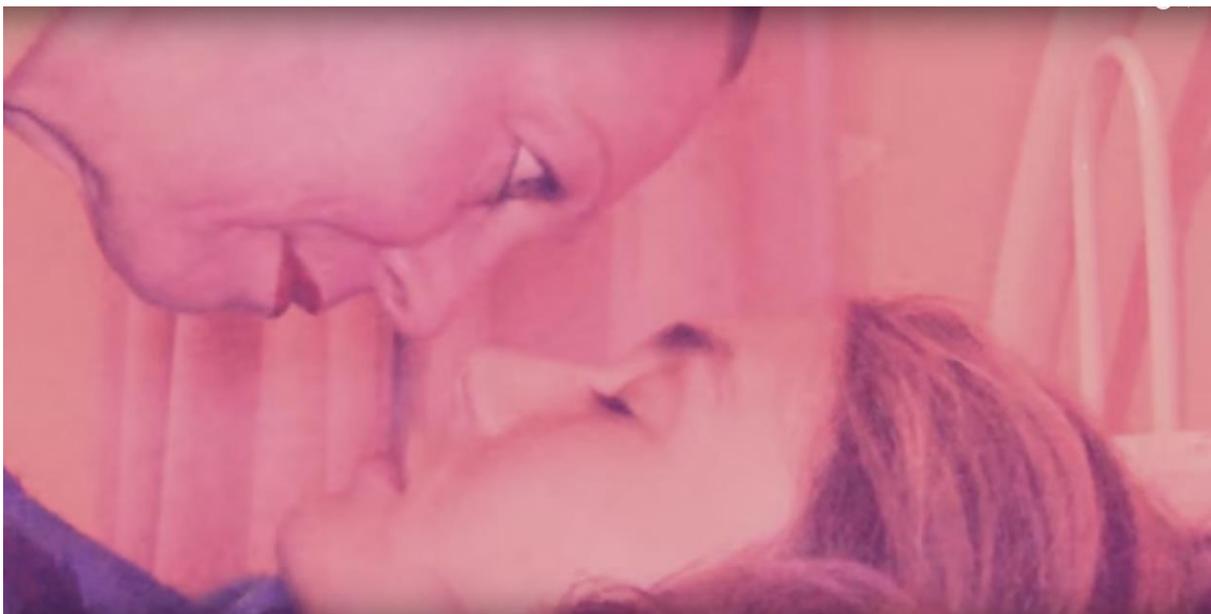


FIGURA 19: Cena do vídeo Blasfêmia – Substantivo Feminino

### **3.1. Blasfêmia – Substantivo Feminino**

Percebi que gostava destes registros quando fiz o primeiro vídeo desta série, Blasfêmia – Substantivo Feminino. Primeiro me filmei sozinha com uma câmera *go pro*, fazendo o desenho de uma das cartas do tarô.



FIGURA 20: Cena do vídeo Blasfêmia – Substantivo Feminino

Curiosamente esta câmera não possui visor, o que faz com que o material bruto tenha quadros aleatórios. É uma forma de ter um bom recurso da tecnologia, a imagem em *4k*, junto com o caráter latente do analógico, pois não se sabe o que foi gravado até o momento em que colocamos o cartão de memória na porta *SD* do computador e abrimos o arquivo. Mas mesmo assim eu não estava me acertando com esta imagem tão limpa.

Eu imaginava alguma cena e gravava “as cegas”, de uma só vez. Chegava em casa, abria as imagens no *Adobe Premiere*, descartava as imagens que não me tocavam, colocava filtros nas que permaneciam e neste processo já ia pensando em outras cenas para intercalar os cortes. A única coisa que sabia que estaria desde o começo me norteando eram as minhas relações com o taro e o texto, que contava de maneira fantástica um momento da minha infância parodiando o gênesis da bíblia.



FIGURA 21: Cena do vídeo Blasfêmia – Substantivo Feminino

Em função desta impossibilidade de calcular o lugar exato de cada quadro com a *go pro*, algumas cenas ficaram completamente fora do enquadramento que eu queria. Quando tinham algum detalhe do qual não poderia abrir mão para a sequência, eu utilizava uma ferramenta que o programa oferece para espichar o quadro de modo proporcional, como se fosse captado em *zoom*. Claro, isso faz com que o material perca resolução.

Achei muito conveniente e aceitei esta “falha técnica” como um efeito pois ficou um pouco desfocado, muito melhor. Gostei e comecei a filmar com câmera do meu celular com menos resolução, a noite, utilizando ferramentas de clareamento, e com isso causando mais ruídos nas imagens.



FIGURA 22: Cena do vídeo Blasfêmia – Substantivo Feminino

Fui gravando o que me chamava atenção por todos os lugares onde andava: urubus se alimentando na beira do rio, eu mesma nadando em uma piscina de hotel e pichando blasfêmias nos muros de uma igreja. A cena final que utilizei para fechar o vídeo (mão preta pintando uma cruz nas minhas costas enquanto estou dormindo) retirei de um sonho que tive quando ainda estava exercitando imagens do meu inconsciente para produzir as ilustrações das cartas do baralho. Um dia, narrando esta parte do vídeo para a telefonista da empresa onde trabalho, que nas horas vagas é “Mãe de Santo” em sua comunidade, ela me contou que este é um ritual de “fechamento de corpo” do candomblé. Mas não achei nenhuma fonte segura que pudesse citar neste texto então deixei a história apenas como registro casual.

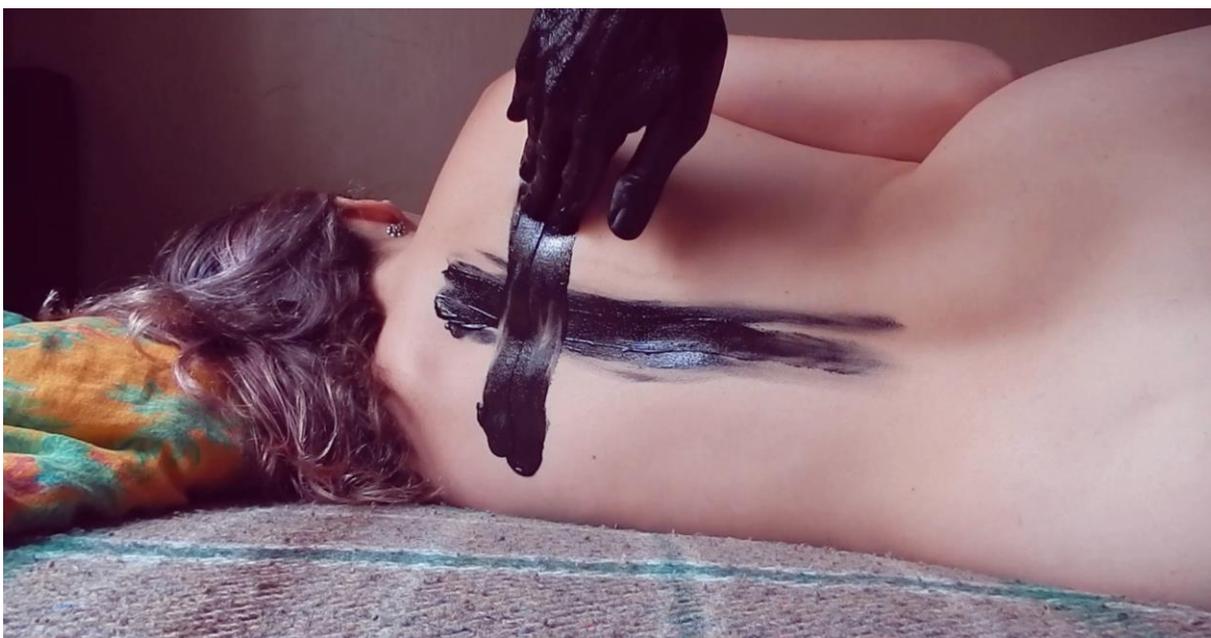


FIGURA 23: Cena do vídeo Blasfêmia – Substantivo Feminino

Tive uma grande dificuldade para incluir o som na edição, por isso precisei repetir muitas vezes o processo, descartando uma quantidade enorme de material.

Eu precisava que o áudio fosse narrado por mim, por ser uma história íntima. Não enxergava sentido em pedir para uma amiga falar o texto, mas também não conseguia ouvir até o final minha própria voz. Pensei em gravar em outro idioma inclusive.

Então tive a ideia de gravar cochichando, como se estivesse rezando ou contando um segredo. Gostei bastante do resultado e nas primeiras tentativas já consegui escolher um bom material, aproveitando as interferências de som ambiente (fiz este áudio no intervalo do horário de trabalho no refeitório da empresa).

Além do interesse pela pesquisa técnica e o que representa a utilização desta forma de montagem mais acessível para mim, tive a intenção de produzir um jogo entre imagens e texto que tivessem uma abordagem política apresentada do meu ponto de vista feminino na sociedade.



FIGURA 24: Cena do vídeo Blasfêmia – Substantivo Feminino

O ataque ao deus masculino nas cenas em que picho os muros de uma igreja escrevendo “só vejo deus em boca de gente suja”, idealizei e filmei um dia depois de assistir a transmissão da votação do impeachment da presidenta Dilma Rousseff no congresso, em que mais de metade do parlamento, formado por homens brancos ligados a igrejas, julgou uma mulher, ofertando o voto de condenação a deus, Jesus Cristo, maçonaria e a própria família.



FIGURA 25: Cena do vídeo Blasfêmia – Substantivo Feminino

A cruz está presente no trabalho pois ainda nos vejo criminalizar inocentes embasados em fatos levianos. Desejo destacar a maneira com a qual sinto a religião ser forçada a estar presente em nossas vidas, antes mesmo de nascermos, tornando-se um forte braço da repressão ideológica quando estamos em momentos de crise e tensão política.

### **3.2. Quem vai ser o rato do século XXI**

Tinha em mente uma cena: “Um cavalo-branco, sem encilhas e sem rédeas, pastando no canteiro central da estrada próxima a minha casa, que atravesso todos os dias para tomar o ônibus e ir ao trabalho, a RS 040. Eu monto no animal que galopa com muita velocidade até um jardim paradisíaco. Ao desmontar, meus pés começam a sangrar quando tocam o chão, pois são atravessados por espinhos escondidos na beleza da grama verde. Imediatamente, olho para a palma das minhas mãos e me assusto por elas estarem sujas de sangue”.



FIGURA 26: Cena do vídeo Quem vai ser o rato do século XXI

Tendo esta história como base para as gravações, iniciei os trabalhos, já sabendo que esta execução não seria óbvia, literal ou fiel a ideia inicial. Haveriam alguns desencontros nestas cenas, e grande parte das coisas que surgiram no meio do caminho inesperadamente teriam maior peso no momento de decupagem.



FIGURA 27: Cena do vídeo Quem vai ser o rato do século XXI

Como eu não tinha um cavalo-branco disponível para fazer a cena, nem onde conseguir um emprestado, fabriquei um cavalo de pau com madeira, papelão e uma peruca velha. Cavalguei nele como se fosse vivo e pedi para o meu grande parceiro de filmagens, o Itapa Rodrigues, fazer as gravações com uma câmera portátil de baixa resolução, no meio da Vila Cruzeiro em Porto Alegre, bairro que se tornou um canteiro de obras desde que a prefeitura resolveu abrir uma avenida aonde fisicamente ficavam as casas dos primeiros moradores. Estava cheio de esgotos abertos e enormes poças de água e lama por onde eu andava com minhas galochas. O registro deste momento ficou muito interessante, dialogando com a cena final em que meus pés estão feridos por espinhos.



FIGURA 28: Cena do vídeo Quem vai ser o rato do século XXI

Colhi galhos numa praça pública, afiei com um estilete até se tornarem estacas. Posicionei cada uma em um gramado, preendi uma em cada pé com fita adesiva e sujei com sangue cênico comprado e loja de fantasias para festa. Neste caso preferi captar as imagens do meu ponto de vista, olhando para baixo. Causo o mesmo efeito na parte em que olho para minhas mãos sujas de sangue. Aproveitei para incluir uma máscara de gato e uns miados que captei de um felino que apareceu no meio das gravações para fazer referência ao livro *MAUS*, de Art Spiegelman. Neste livro ele conta a história dos próprios pais, sobreviventes dos campos de concentração na Alemanha nazista, no qual os personagens são retratados como animais (judeus são ratos, pois fazem *bunkers* e vivem anos debaixo das casas fugindo dos alemães, que são representados como gatos, norte-americanos são cachorros, poloneses são porcos, etc). Faço uma reflexão aplicando esta mesma relação à sociedade atual na posição de culpada, e com isso, lanço a pergunta e tento imaginar: quem será o grupo social que perderá seus direitos e será perseguido nas próximas décadas de crise e tensão? Até que ponto nosso privilégio

conquistado através dos crimes cometidos por nossos ancestrais de pele branca, por menor que seja, nos faz culpados também?



FIGURA 29: Cena do vídeo Quem vai ser o rato do século XXI

### **3.3.Uma libra por seio de mulher arrancado como prova de captura**

Montado a partir de cenas gravadas em casa num domingo de folga, com a ajuda de minha mãe, que aparece na cena final, este trabalho tem o título inspirado em um trecho do documentário O Botão de Pérola, que conta como o governo chileno no século XIX, estabelecendo um programa de caça ao índio, pagava uma libra aos colonos que assassinassem povos indígenas nativos, mediante apresentação de orelha, testículo e seio arrancado como prova de captura.



FIGURA 30: Cena do vídeo Uma libra por seio de mulher arrancado como prova de captura

Quis causar tensão com as mãos que se arrastam pelas paredes e tentam nos alcançar para representar as forças que nos calam e colocam diariamente a vida das mulheres em constante perigo, nos deixando paralisadas e em estado de vulnerabilidade. Amarrei com fita adesiva a câmera *go pro* (que é muito pequena) na palma da minha mão, com uma vela consegui criar um pesado desenho da sombra, vindo em direção as nossas bocas.



FIGURA 31: Cena do vídeo Uma libra por seio de mulher arrancado como prova de captura

### **3.3.1. Composição de trilha autoral**

No processo de construção de Uma libra por seio de mulher arrancado como prova de captura tive o primeiro impulso em direção à produção de um som a partir de um instrumento musical. Utilizei o teclado apertando uma nota apenas, o dó, em todos os timbres que oferece, durante alguns segundos. Depois no momento da edição eu coloquei um destes timbres de fundo e fui incluindo os outros em cada corte do vídeo. Do meio para o fim coleí uma faixa em que os intervalos da tecla são mais rápidos, como um batimento cardíaco, para gerar mais suspense.

### **3.4. Poucas coisas são mais lindas que o voo do urubu**

Várias vezes ao longo da minha vida real, estando entre o sono e a vigília, senti uma figura não humana e não física, totalmente preta, sem expressão e sem os detalhes de anatomia (sem dedos e sem rosto, por exemplo) subir na minha cama, e deitar-se sobre mim, como se fosse uma mancha, me consolando, me curando e carregando minhas energias. Não sei qual recado meu inconsciente estava tentando dar, mas acho esta cena muito interessante para ser usada em um vídeo.



FIGURA 32: Cena do vídeo Poucas coisas são mais lindas que o voo do urubu

Pintei o Itapa todo de azul, para não fazer referência aos diretores racistas que utilizavam *blackface* e gravei. Gosto de usar sempre as primeiras gravações, sem precisar refazer nada, acredito que assim eu consigo captar mais espontaneidade, e então montei esta sequência intercalando algumas tomadas nas quais eu mesma coloco as cartas do tarô na água de um córrego e não em uma mesa como de costume. A correnteza e o vento levando as cartas aleatoriamente deixam as cenas bastante poéticas, gerando um movimento que me fez lembrar das captações que havia feito de urubus na beira do rio para o primeiro vídeo, mas que acabaram ficando de fora. Então juntei estes materiais e fui editando até ter um bom pedaço de vídeo, aproveitando quase tudo.

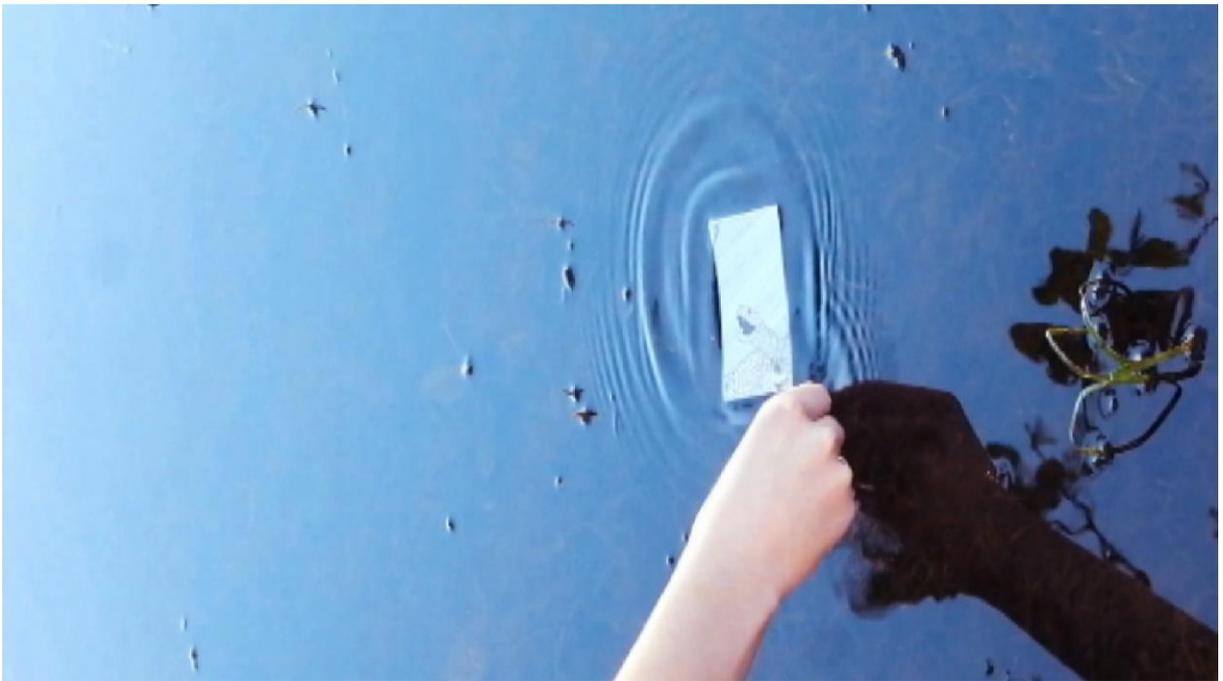


FIGURA 33 e 34: Cena do vídeo Poucas coisas são mais lindas que o voo do urubu

### 3.4.1. Experimentos com sonoridade conceitual

Gravei o som em um teclado apertando todas as notas agudas ao mesmo tempo. Aos poucos fui soltando algumas teclas até ficar só uma. Sobrepos estas camadas de som para ajustar o tamanho do áudio ao do vídeo, esticando uma das camadas para produzir um grave no fundo.

## 4. Referenciais artísticos

### 4.1. Tarântula

O trailer do curta paraense de Marja Cefalange e Aly Muritiba eu assisti por acaso na internet, depois de ter terminado o Blasfêmia-Substantivo Feminino. Não assisti ao filme completo ainda, pois não foi lançado, mas este *trailer*, no formato e tamanho em que está poderia funcionar muito bem como curtíssima metragem experimental, e tem muito a ver com o meu vídeo.



FIGURA 35: Cena do *trailer* do filme Tarântula

A sinopse é a seguinte:

Em um casarão distante, mora uma família religiosa e aparentemente incompleta: uma mãe e suas duas filhas. Até a chegada de um novo membro, que traz consigo uma ameaça iminente. (Fonte: <http://grafoaudiovisual.com/movie/tarantula/>).

Vejamos como esta história tem uma estrutura narrativa com a qual já estamos bem-acostumados. Basicamente “todo mundo vive muito bem, até que chega alguém que desestabiliza a rotina do grupo e de um confronto revelador temos um final”. Indiferente aos padrões ou peculiaridades deste filme que ainda não vi, sou grata a ele por ser responsável pela derivação visual do trailer que descrevo agora: Começa com uma voz feminina e adolescente sussurrando, mencionando um segredo que não é revelado. Tomadas da mobília da casa, as filhas espiando a intimidade da mãe, pedaços de bonecas esquartejados e pendurados diante de janelas e uma criança cantando uma canção religiosa que a minha geração aprendeu na escola:

*"Mãezinha do céu, eu não sei rezar,  
Só sei dizer, que eu quero te amar.  
Azul é teu manto, verde é teu véu,  
mãezinha eu quero te ver lá no céu!"*

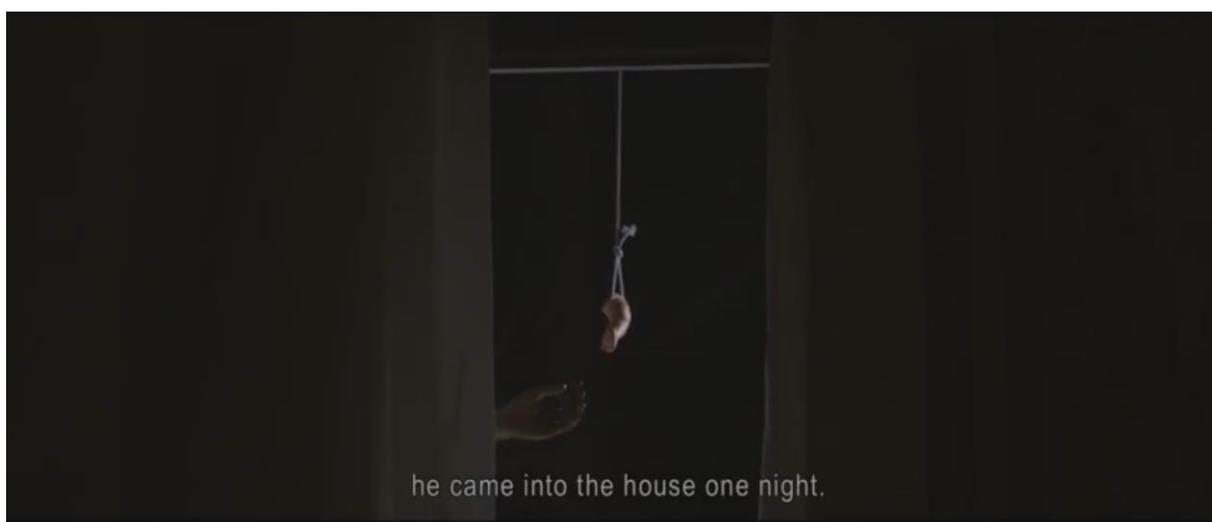


FIGURA 36: Cena do *trailer* do filme Tarântula

Nenhuma identidade masculina aparece realmente neste *trailer*, o clima é forte e sugestivo. Duas irmãs deitadas em uma banheira sem água, e a menor delas acariciando uma tarântula viva encima da mesa. Mas as associações podem ser livres e particulares, pois a sequência de cenas não tem muito nexos.

Eu critico fortemente os *trailers* e *teasers* produzidos de uns 20 anos para cá. Mais parecem uma descarga elétrica que dispara em ondas periódicas, ou um amigo chato que gosta de dar sustos consecutivos: eleva o nível de batimentos cardíacos mas perde a graça rapidamente, e nos acostuma, nos torna imunes. A maioria dos que assisto são de longas com duração entre 1h30 ou 2h condensados para 3 minutos, incluindo quase todas as informações do filme em cortes muito rápidos, subestimando a capacidade de entendimento do público.

Mas o *trailer* do Tarântula é diferente e me identifiquei muito com este corte, além dos sussurros, rezas, símbolos e também por ser uma derivação de um filme, mas não um filme. E também não se limita a uma peça de divulgação qualquer, é bem cortado, com mistério, elementos que motivam as pessoas a desejarem assistir ao filme inteiro.

Acho que o Blasfêmia-Substantivo Feminino só difere neste sentido por ser uma peça única, independente e não publicitária. Minha motivação por fazer um trabalho audiovisual a partir de fortes referências do cinema gera esta irmandade entre os dois.

#### **4.2.Fuses e Viet Flakes: O que me aproxima dos vídeos de Carolee Schneemann**

O corajoso ato de filmar a própria intimidade e deleite sexual sendo mulher nos anos 60, e a montagem das alegorias formadas pelo próprio inconsciente de mulher em 2016 podem não ter tanto em comum numa primeira análise, além da silhueta felina que aparece tanto produção visual na de Carolee Schneemann, quanto na minha.

Ela é uma artista que iniciou sua carreira arrojada na década de 60 e que trabalha com pinturas, performances, fotografias e instalações, abordando questões sobre o

prazer e os tabus sociais, sexuais e de gênero, através de materiais difusos e sugestivos.

Em *Fuses* (1967), Carolee, produz um ambiente fluido e sombrio. A edição sem uma história linear remetem ao mundo onírico.



FIGURA 37 a 38: Cena do vídeo *Fuses* de Carolee Schneemann

Já *Viet Flakes* (1965) é filmado a partir de fotografias de vietnamitas vítimas de guerra. O que dá todo o sentido emotivo neste caso é a maneira como a trilha sonora é conduzida. São ruídos seguidos de clássicos da música ocidental com cortes bruscos, o que me fez pensar imediatamente: enquanto ouvimos e dançamos *Beatles*, corpos de mulheres e crianças vietnamitas são esfacelados por canhões de guerra ocidentais. Além disso, ela causa no público a expectativa de uma cena fílmica, que logo é interrompida pelo corte do som e troca de imagem.



FIGURA 39 e 40: Cena do vídeo *Viet Flakes* de Carolee Schneemann

Acho muito importante que oprimidos e deslegitimados pela sociedade em trabalhos artísticos, principalmente em períodos históricos tensos como os que, tanto ela viveu, quanto eu estou vivendo agora. Não consigo ver minha produção visual desvinculada do tema político. Não me dedico a um caso específico ou a um grupo social apenas. Abordo este tema me vestindo de gato, através de símbolos, gravo mãos que se arrastam tentando me alcançar, cruces, criatura do inconsciente que se deita sobre mim, mãos sujas de sangue, etc., mas nunca a figura real. E eu sempre uso sons de autoria própria.

Enfim, crio a partir das dores e estigmas, tanto políticos quanto religiosos, a que imagem, corpo e mente femininas são submetidas, e consigo ver isto no trabalho dela também, a começar pela estética de *Fuses*: cortes sugestivos e reticentes no breu e nas sombras não me parecem ter sido usados por acaso, e como gatos, é no escuro, no ruído e nas meias palavras que nos expressamos, revelando aquilo de mais particular.

#### **4.3. Encontrei Curtis por acaso ou ele estava me chamando?**

Dia 23 de setembro deste ano, depois de ter trabalhado o dia todo na sala de cinema, eu fui à PF Gestal para relaxar um pouco e pegar a tradicional sessão “Raros”. Não sabia que filme era e nem de quem, mas quando cheguei já estava rodando. Era uma mostra especial de curtas de Curtis Harrington e o filme *The*

*Falls Of The House Of Usher* (1942, 5 minutos), uma adaptação do conto de Edgar Allan Poe, já estava no fim. Na sequência assisti *Fragment Of See King* (1946, 16 minutos), *Picnic* (1948, 22 minutos) e por último o que mais me tocou, *On the edge* (1949, 6 minutos), e fui embora para casa sem assistir o restante dos filmes, impactada com a semelhança entre minhas ideias para fazer vídeos e os curtas que acabava de ver.



FIGURA 41 e 42: Cena do filme *On the edge* de Curtis Harrington

Não foi o mesmo tipo de conexão que senti com os vídeos de Carolee, pois eu estava ligada aos trabalhos dela pela expressão da condição feminina. É uma semelhança lógica de composição de imagens e símbolos articulados que enxergo entre minha produção e os curtas de Curtis. Fuses é fluido, nebuloso e o mistério é abordado aproveitando os cortes rápidos, as manchas e as penumbras. Já *The Falls Of The House Of Usher*, *Fragment Of See King*, *Picnic* e *On the edge* são iluminados e oníricos. Personagens correm na praia como se jamais fossem parar atrás de miragens, caem de penhascos e se arrastam por escadas dramaticamente, procuram obsessivamente seus fetiches pelos cômodos de imóveis sinistros, imersos em uma atmosfera de insanidade, suspense e misticismo.

## Considerações finais

Quando comecei a conceber estes vídeos não tinha nenhuma ideia sobre como e onde seriam exibidos. Tinha só a perspectiva de que seriam mais assistidos pelo *Youtube*, tirando uma base por mim mesma, pois estou quase sempre conectada, muito mais presente na internet do que na vida real. Comecei a inscrever o Blasfêmia – Substantivo Feminino em festivais de cinema que aceitam vídeo experimental, fui selecionada em alguns e isso fez com que fosse exibido em salas de cinema. Acho interessante isso acontecer, em função do formato e qualidade de imagem em algumas cenas, mesmo que eu não o tenha feito pensando nisso, nem na imersão que o cinema proporciona para quem está assistindo. Mas Quem vai ser o rato do século XXI, Uma libra por seio de mulher arrancado como prova de captura e Poucas coisas são mais lindas que o voo do urubu, combinaria muito mais com televisor de tubo em *looping*, primeiro, por ter uma estética mais *trash* e também, por não ter uma linearidade, começo, meio e fim ou texto que guie o espectador.

Enveredei para quase todas as linguagens artísticas enquanto estive matriculada no Instituto de Artes, mas não tive muito contato, até certo ponto do curso, com aulas de fotografia, vídeo e arte digital, por pura casualidade ou incompatibilidade de horários. Então em 2014 e 2015 comecei a me matricular em algumas cadeiras de fotografia e percebi que era através dela que conseguia me expressar melhor artisticamente. Comprei uma câmera analógica *Pentax* sem fotômetro, sem *flash*, sem vários outros recursos, com a qual eu fazia fotos muito estranhas que na maioria das vezes eu precisava editar. Eu usei durante muito tempo num *photoshop online* disponível na *internet*, para quem não tem o *software* original nem como baixa-lo, que descobri no início do curso quando editava *fanzines*. Deste modo fui me aproximando deste universo, experimentando e descobrindo como funcionavam estas ferramentas de edição de imagem, que muito se parecem com as de montagem de filmes. Antes de começar meu trabalho de conclusão de curso eu só havia feito um vídeo, com um programa de edição com poucas ferramentas que ainda por cima estragavam o som. Mesmo assim gostei tanto de produzi-lo, e me senti tão familiarizada com a interface destes editores que já tive a certeza de que

seria sobre esta linguagem a minha pesquisa. Mas como eu não tive um contato anterior maior com estes meios de produção, acabei demorando um tempo maior para fazer coisas bem simples, o que direcionou minha pesquisa muito mais para a experimentação prática do que para a referência teórica.

Mas mesmo mergulhada em como solucionar problemas de edição e filmagem, tem algumas questões que fui percebendo ao longo deste processo, e uma delas é a pouca visibilidade que é dada para mulheres realizadoras em alguns circuitos artísticos mais populares, por exemplo: qual é o primeiro nome de diretora de filmes de terror que vem à sua mente?

Esta pergunta é um pouco desconfortável até para quem não é fã do gênero, principalmente quando, com uma rápida pesquisa no *google*, descobrimos que existem muitas mulheres presentes neste circuito, como em tantos outros, mas pouco são citadas, lembradas ou cultuadas.

Mesmo que o recorte seja hermético, pois muitas pessoas não conhecem e não gostam de filmes com sangue, conseguimos nos lembrar que, *O Iluminado* (1980) foi dirigido por Stanley Kubrick. Indo um pouco mais a fundo, são cultuados George Romero (*Despertar dos Mortos*, 1978), Ruggero Deodato (*Holocausto Canibal*, 1980), e Sean S. Cunningham (*Sexta-feira 13*, 1980), mas um dos filmes mais marcantes da minha geração foi dirigido por uma mulher, “*O Cemitério Maldito*”, de Mary Lambert.

*Garota Sombria Caminha a Noite*, de Ana Lily Amirpor, *Jantar Sangrento*, de Jackie Kong, *Carrie – A Estranha*, de Kimberly Pierce e *American Mary* das irmãs Sylvia Soska e Jen Soska, entre tantos outros, não são suficientes para lembrarmos o terror como um território de direção também feminino. Mas se a pergunta fosse um pouco diferente “Qual diretora de cinema você adora?”, teríamos mais rapidez para responder, mas não a mesma de quando nos perguntam qual nosso cineasta predileto.

Saindo um pouco deste universo, a estante da minha casa tem Eco, Homero, Rodrigo Naves, Greemberg, Bauman, Gombrich, Allan Moore, Neil Gaiman, Lovecraft e vários outros. Mas só Marjani Strapi, Mary Shelley e Patty Smith estão ali para representar as mulheres.

Existem mulheres cartunistas e quadrinistas? Sim, a esposa do Allan Moore, por exemplo, mas qual mesmo o nome dela? É Melinda Gebbie. Mas todos com quem falei até hoje sobre seu maravilhoso trabalho se referem a ela como “a esposa de Allan Moore”, inclusive eu mesma. Helena Ignês sempre produziu ao lado de Rogério Sganzerla, o marido dela, de quem lembramos. Mas ele morreu e ela continua fazendo filmes, lançando ainda este ano, no Festival de São Paulo, o longa-metragem Ralé.

Eu negligenciei este ponto importante citando muitos homens e poucas mulheres neste texto que estou concluindo agora. Atentei para esta questão tarde demais. Comecei meu TCC querendo fazer um vídeo com elementos do cinema dentro da perspectiva do terror e termino querendo conhecer e escrever sobre a trajetória das mulheres que produziram e produzem vídeos experimentais, filmando outros materiais que expressem meu olhar feminino sobre as coisas que nos circulam, que incluam outras mulheres e o universo simbólico que carregamos.

Sei que se me refiro ao campo das artes visuais consigo me lembrar de Frida Kahlo, Tarsila do Amaral, Marina Abramovic, Lygia Clark, Lygia Pape, Valie Export, Sophie Calle, Anna Bella Geiger e Nancy Holt sem precisar pesquisar no *google* “Mulheres nas artes visuais”, afinal de contas eu sou estudante deste curso, não se esperaria outra coisa. Mas não citei nenhuma destas mulheres como referência para o meu trabalho. A pessoa comum que sou acabou se influenciando muito mais pela indústria cultural patriarcalista que bloqueia nomes e referências femininas. Não esqueçamos, minha mãe foi a tv aberta. Então, nos existimos, em todos os gêneros, camadas e circuitos, mas não somos lembradas ou citadas.

## Referências bibliográficas:

DUBOIS, Phillipe. *Cinema , Vídeo, Godard*. Cosac Naify, 2004.

ECO, Umberto. *História da Feiura*. Editora Record, 2007.

MELLO, Christine. *Extremidades do Vídeo*. Editora Senac, 2008.

## Referências em sites consultados:

BERNARDET: Jean-Claude. Cinema Marginal? In: Portal do Cinema Brasileiro  
[http://www.portalbrasileirodecinema.com.br/marginal/ensaios/03\\_01.php](http://www.portalbrasileirodecinema.com.br/marginal/ensaios/03_01.php)  
acesso em: Porto Alegre dia 26/06/2016

NETO, João Marciano. Rodrigo Aragão: A Crença no Terror Brasileiro In:  
CineCachoeira - Revista de Cinema da UFRB  
<http://www.cinecachoeira.com.br/2013/11/rodrigo-aragao-a-crenca-no-terror-brasileiro/> acesso em: Porto Alegre dia 26/06/2016

JUNIOR, Luiz Carlos Oliveira. ABISMU (SOIS TODOS DE MU E NÃO SABEIS) In:  
Revista Contracampo. <http://www.contracampo.com.br/58/abismu.htm> , acesso em:  
Porto Alegre dia 26/06/2016

CÁNEPA, Laura. COMO PENSAR O HORROR NO CINEMA BRASILEIRO? In:  
Portal Brasileiro de Cinema,  
<http://www.portalbrasileirodecinema.com.br/horror/ensaio-como-pensar-o-horror-no-cinema-brasileiro-laura-canepa.php?indice=ensaios>, acesso em: Porto Alegre dia  
26/06/2016

ROSE, Steve. Carolee Schneemann: 'I never thought I was shocking' In:  
<https://www.theguardian.com/artanddesign/2014/mar/10/carole-schneemann-naked-art-performance>, acesso em: Porto Alegre dia 02/12/2016

FERREIRA, Rebeca Campos. Maquiar ator branco com tinta preta é uma forma de racismo? Sim "A historicidade do blackface não é a absolvição do racismo que carrega" In: <http://epoca.globo.com/ideias/noticia/2015/05/maquiar-ator-branco-com-tinta-preta-e-uma-forma-de-racismo-sim.html>, acesso em: Porto Alegre dia  
02/12/2016

## Filmografia:

À Meia Noite Levarei Sua Alma (José Mojica Marins, 1964)  
<https://www.youtube.com/watch?v=vUpsanJ-Rdw>

A noite dos mortos vivos (George Romero, 1968)  
<https://www.youtube.com/watch?v=UBb6gfhZHEQ>

Os Idiotas (Lars Von Trier, 1998)

<https://www.youtube.com/watch?v=wDtnS13a7xk>

Abismu (Rogério Sganzerla, 1977)

<https://www.youtube.com/watch?v=-Ztja6nOvjs>

O Bandido da Luz Vermelha (Rogério Sganzerla, 1968)

<https://www.youtube.com/watch?v=pSbBA4OiqBc&list=PLIPzY18-6TZXvzIfRxZJDPY5IX8qZU1r>

Fuses (Carolee Schneemann, 1967)

<https://www.youtube.com/watch?v=kRs9CetUFfo&t=242s>

Viet Flakes (Carolee Schneemann, 1965)

<https://www.youtube.com/watch?v=ll6aoxfO-pE>

Um Jantar Sangrento (Jackie Kong, 1987)

[https://www.youtube.com/watch?v=T\\_2l6j-NnwU](https://www.youtube.com/watch?v=T_2l6j-NnwU)

American Mary (Sylvia Soska e Jen Soska, 2012)

<https://www.youtube.com/watch?v=Yv8FpSc8g-4>

Trouble Every Day (Claire Denis, 2001)

<https://www.youtube.com/watch?v=jyeMymwTZhM>

Monster (Jennifer Kent, 2005)

<https://www.youtube.com/watch?v=s6n7MpB8xdU>

Uma Primavera (Gabriela Amaral Almeida, 2011);

<https://vimeo.com/53348530>

A Mão que Afaga (Gabriela Amaral Almeida, 2012)

<http://canalbrasil.globo.com/programas/curtas/videos/2737516.html>

Carrie - A Estranha (Kimberly Peirce, 2013)

<https://www.youtube.com/watch?v=2AeFMoaG18U>

O Iluminado (Stanley Kubrick, 1980)

<https://www.youtube.com/watch?v=FlcPyUhxBIY>

Despertar dos Mortos (George Romero, 1978)

<https://www.youtube.com/watch?v=lewhwfDchml&t=1441s>

Holocausto Canibal (Ruggero Deodato, 1980)

<https://www.youtube.com/watch?v=Ed-q4O3BQqM>

O Cemitério Maldito (Mary Lambert, 1989)

<https://www.youtube.com/watch?v=Hb6VveezZLU>

Tarantula ( Marja Celafange e Aly Muritiba, 2015)  
<http://grafoaudiovisual.com/movie/tarantula/>

Sexta-feira 13 ( Sean S. Cunningham, 1980)  
<https://www.youtube.com/watch?v=dGT2-aWLHDw>

Mate-me por favor (Anita Rocha da Silveira, 2015)  
<https://www.youtube.com/watch?v=MskWriChuXs>

The Babadook (Jennifer Kent, 2014)  
<https://www.youtube.com/watch?v=vAV3JZY3Kqs>

O Botão de Pérola (Patricio Guzmán, 2015)  
<https://www.youtube.com/watch?v=ILEdFSrREW8>